

Memória coletiva sobre a gênese e institucionalização da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas

Geane Kantovitz*
Claricia Otto**

Introdução

Com base nas memórias de dez religiosas, com idade entre 77 e 94 anos, buscamos identificar as condições de produção social e institucional da atual Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas (Cicaf), fundada em 1915, em Rodeio (SC), sob a denominação de Companhia das Catequistas. Ao mesmo tempo, analisamos como, em relações sociais e em tipificações habituais do cotidiano, as entrevistadas produziram representações individuais imbricadas nas representações coletivas e uma identidade vocacional e professoral para estarem a serviço das comunidades em que estavam inseridas.¹

A memória coletiva, na acepção de Halbwachs (2003), é a principal categoria para compreender as representações e percepções comuns sobre a constituição identitária grupal das religiosas entrevistadas. Segundo Halbwachs, a memória individual existe sempre baseada em uma memória coletiva e as lembranças são constituídas no interior de um grupo. A memória coletiva está

* Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do Colegiado de História da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). E-mail: geaneks@hotmail.com.

** Doutora em História pela UFSC. Professora do Departamento de Metodologia de Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma universidade. E-mail: clariciaotto@gmail.com.

1 A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina. As entrevistas foram gravadas e transcritas e cada entrevistada assinou um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

relacionada ao grupo de pertencimento e à coexistência de uma identidade comum do grupo social. Assim, as lembranças de várias ideias, reflexões, sentimentos e paixões que as entrevistadas atribuem a si mesmas são inspiradas pelo grupo, haja vista que a memória individual existe sempre com base em uma memória coletiva, pois “não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem” (Halbwachs, 2003, p. 30).

À luz de Berger e Luckmann (1985), compreendemos que a congregação resulta de um processo produzido socialmente, que atendeu aos interesses tanto de próceres da igreja católica quanto da escola primária no estado de Santa Catarina. Dessa forma, interessa observar a vida diária das religiosas e as suas interações sociais que se apóiam em certezas inquestionáveis. Tais interações fizeram parte do processo de institucionalização da congregação e são entendidas como produtos e produtoras de determinada realidade social.

Como metodologia de pesquisa, a produção de fontes orais é “um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade” (Alberti, 2005, p. 164). Nesse sentido, o trabalho com a história oral apresenta a potencialidade de mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação: “as disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, em uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender esse mesmo grupo, ou a sociedade como um todo” (Alberti, 2005, p. 167).

Nessa direção, na primeira seção deste artigo abordamos o contexto de fundação da Companhia das Catequistas (nomenclatura que perdurou até 1958, ano em que passou a ser denominada Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas) e o surgimento da vocação religiosa de cada entrevistada. Na segunda seção, discorremos sobre os primórdios e a legitimação da companhia sob a perspectiva da memória coletiva. Embora as irmãs entrevistadas tenham ingressado na congregação a partir da década de 1930, suas memórias remetem às memórias da fundação e aos processos de formação e legitimação de tipificações. Estas, sob as lentes de Berger e Luckmann (1985), são definidas como ações e hábitos cotidianos, estabelecidos e legitimados pelo modo como lidamos com as pessoas ou com os grupos sociais. A tipificação é uma forma de identificação entre um indivíduo e outro, uma espécie de julgamento e/ou aproximação preestabelecidos por fatores históricos, sociais, étnicos, religiosos e culturais.

Da fundação e da produção social da vocação religiosa

Em 1913, diante da crise das muitas escolas paroquiais na região do Médio Vale do Itajaí-Açu por falta de professores, o frei Polycarpo Schuhen, então vigário de Rodeio, fez um convite às jovens da localidade, integrantes da Pia União das Filhas de Maria e da Ordem Terceira de São Francisco, para que algumas entre elas assumissem a função de professoras. Amábile Avosani foi a primeira a responder “sim” ao convite e, após ser orientada para a docência pela irmã Clemência Beninca, religiosa da Divina Providência, começou a lecionar na escola de Aquidaban, no atual município de Apiúna. Em 1914, mais duas jovens, Maria Avosani e Liduina Venturi responderam “sim” ao convite. Em 1915, quando a existência dessas professoras foi levada ao conhecimento do bispo de Florianópolis, dom Joaquim Domingues de Oliveira, ele sentenciou: “As professoras terceiras vivendo em certa comunidade chamem-se Catequistas e, todas juntas, formem a Companhia das Catequistas” (apud Valandro, 1986, p. 27). Assim, em 14 de janeiro de 1915, a Companhia das Catequistas foi oficializada, e ao final desse mesmo ano já contava com nove integrantes.

Todavia, a fundação da Companhia das Catequistas emerge não somente em razão da falta de professores para as escolas paroquiais, mas também como uma consequência da disputa de poder entre os franciscanos, os líderes das escolas italianas Dante Alighieri² e os próceres do movimento em prol das escolas públicas.³

Todas as irmãs entrevistadas entraram na congregação entre 1935 e 1965. No entanto, suas memórias aludem, frequentemente, ao tempo de fundação da Cicaf. “Naquele tempo” é uma das expressões mais presentes nas narrativas – um tempo longínquo, exclusivo delas, repleto de sentidos e significados que são partilhados ao longo das entrevistas. As memórias adentram suas infâncias e adolescências. Nessas memórias, desde a infância no interior da família e da comunidade, a vida delas esteve sempre orientada por práticas católicas. A igreja católica era presença marcante, característica comum

2 A Associação Dante Alighieri foi fundada em 1889 por Giacomo Venezian, em Roma. Seu objetivo era manter os laços culturais e a identidade italiana por meio de escolas subvencionadas.

3 Tais questões são desenvolvidas em Otto (2006).

em núcleos coloniais italianos do Médio Vale do Itajaí-Açu. Assim, ao serem instigadas a falar sobre os motivos que as levaram a entrar na congregação, as entrevistadas trazem lembranças emaranhadas numa série de momentos significativos, remetendo não somente ao momento em que a decisão foi tomada, mas aos tempos da infância.

Com base nas obras de Valandro (1986, 1990), autora que é também uma irmã catequista franciscana, e em documentos enviados pela irmã Ivonete Gardini,⁴ foram selecionados nomes de religiosas que ingressaram na congregação entre as décadas de 1930 e 1960, e que, durante esse período e até a aposentadoria, atuaram diretamente como professoras em escolas primárias do estado de Santa Catarina. A transcrição foi realizada em data próxima à da realização das entrevistas, visando a não dispersar detalhes considerados significativos no momento da análise, como, por exemplo, gestos, expressões, emoções e silenciamentos captados ao longo de cada entrevista.

A irmã Dália Tomelin entrou na congregação em 1944. Ressalta que sua família é de etnia italiana e formada de “trabalhadores, plantadores de arroz e milho”, e que o pai “quase tinha um quilômetro de arrozeira” (Dália Tomelin, 2014).⁵ Recorda que a decisão de seguir a vida religiosa foi sua, e que viu na companhia um caminho para ter acesso ao ensino formal.

A irmã Dorvalina Tridapalli entrou na companhia em 1935, com apenas oito anos de idade; das entrevistadas, é a que está há mais tempo na congregação. Tal como a irmã Dália, também faz questão de ressaltar que sua família é de etnia italiana e dedicava-se à agricultura em Nova Trento (SC). Ela simplesmente queria “ir com as irmãs”, tocada pelo exemplo delas, pois gostava do jeito como elas viviam e como tratavam as pessoas da comunidade: “Gostava tanto que queria morar com elas, mas nem pensava em ficar. Eu queria morar com as irmãs e pronto!” (Dorvalina Tridapalli, 2014).

A irmã Violeta entrou na companhia em 1939, com 12 anos de idade.⁶ Também de família de etnia italiana que trabalhava na agricultura, lembra que foi alfabetizada por uma irmã catequista e diz, convicta: “Elas sim sabiam

4 A irmã Ivonete Gardini é uma das atuais conselheiras gerais da Cicaf, e que, no segundo semestre do ano de 2014, residia na sede geral da congregação, em Joinville (SC).

5 Consideramos importante mencionar a identidade étnica das entrevistadas por considerarmos a estreita relação dessas etnias com a religião católica e com os mecanismos de agregação cultural, fator que, conforme elas ressaltam, também influenciou para seu ingresso na Cicaf.

6 Esta foi a única entrevistada a solicitar que não fosse divulgado seu nome; Violeta é um pseudônimo.

alfabetizar”. Segundo seus relatos, foi nesse período, quando ainda tinha seis anos de idade, que despertou o seu desejo de ser irmã catequista: “Eu queria ser, não sei por quê. [...] Eu lembro que aquilo não foi ninguém que me falou e nem eu sabia por que eu falei. Até hoje ainda não sei, só sei que queria ser irmã catequista” (Violeta, 2015).

A irmã Geraldina Rover entrou na companhia em 1939. Sua família, de etnia italiana, sempre trabalhou na agricultura. Ela lembra, com carinho, que foi aluna das irmãs catequistas, durante a infância, e que isso a influenciou em sua escolha. Diz ter se tornado religiosa por influência de sua professora primária: “É que minhas professoras eram catequistas, eu fui alfabetizada por uma delas” (Geraldina Rover, 2014).

A irmã Maria Venturi entrou na companhia em 1942. De etnia italiana, sua família também se dedicava-se à agricultura. Relata que entrou na congregação “porque era mais perto e mais fácil de entrar. Porque se fosse em outra congregação precisava de gente para levar. E depois elas eram conhecidas pelo povo, trabalhando no nosso lugar” (Maria Venturi, 2014).

A irmã Verônica Haskel entrou na congregação em 1946, com 12 anos de idade. Sua família, de etnia italiana, trabalhava na agricultura. Segundo seus relatos, mudavam-se constantemente de lugar, em busca de “uma terra melhor, uma sorte maior, mas nunca acertavam”. Lembra ter sido convidada por uma irmã, também chamada Verônica, convite ao qual respondeu imediatamente: “Sim, senhora!” (Verônica Haskel, 2014).

A irmã Amélia Pegoretti entrou na companhia em 1946, quando tinha 15 anos. Sua família é de etnia italiana e sempre trabalhou na agricultura. Segundo seu relato, um dia as irmãs passaram na frente da sua casa, localizada no município de Rodeio. Ela achou bonita “aquela fila de novças estudantes no colégio” e entrou para a companhia (Amélia Pegoretti, 2014).

A irmã Paula Oenning entrou na companhia em 1947, quando tinha 16 anos de idade. Sua família é de agricultores de etnia alemã. Embora não tenha tido professora catequista na infância, relata que teve contato com as irmãs e as admirava muito. Ou seja, a presença delas na comunidade em que vivia teve influência na sua escolha. Ela ainda conta que o professor da localidade onde morava, Santa Margarida – pertencente ao atual município de Salete (SC) –, conversou com seu pai para que ela fosse dar aula na referida comunidade, mas, para isso, ela deveria ir para o Colégio Sagrada Família, em Blumenau (SC). Ela relata que prontamente disse: “Não! Então chame as irmãs catequistas, que eu vou com elas” (Paula Oenning, 2014).

A irmã Cecília Bach entrou na companhia em 1951, quando tinha 13 anos de idade. Lembra que sua família dedicava-se à agricultura e que foi aluna das irmãs catequistas nas séries iniciais, e explica: “Eu fui na escola de irmãs catequistas franciscanas, só que a educação que eu recebia naquele tempo era diferente de quando eu fui trabalhar na escola” (Cecília Bach, 2014). Assim, a decisão de entrar na congregação foi instigada desde a infância, quando era aluna das irmãs.

A irmã Hedwiges (como é conhecida Jadwiga Szepanska) entrou na Companhia das Catequistas em 1937, com 15 anos de idade. Sua família, de etnia polonesa, também trabalhava na agricultura. Ela relata que houve um momento em que entendeu que “de fato, uma mulher consagrada a serviço do reino de Deus é feliz e até muito mais feliz do que uma casada, porque ela está a serviço do reino de Deus!” (Jadwiga Szepanska, 2014). Desse modo, permaneceu na congregação.

No quesito dos motivos que levaram as entrevistadas a seguir a vida religiosa como irmãs catequistas franciscanas, suas narrativas nos permitem (re) construir as condições que ajudaram na decisão e na constituição de ser irmã catequista e professora. As irmãs Geraldina, Dorvalina, Cecília, Violeta, Verônica e Maria foram alunas de professoras catequistas, experiência que as irmãs Paula e Amélia não tiveram. Porém, estas últimas, na infância e juventude, foram ainda assim marcadas pela presença dessas irmãs nas comunidades onde moravam. Somente as irmãs Hedwiges e Dália não mencionaram a presença das irmãs catequistas na sua infância.

É importante lembrar que as professoras das entrevistadas foram as primeiras integrantes da companhia, incluindo entre elas as próprias fundadoras, Amábile Avosani, Maria Avosani e Liduína Venturi. Nesse sentido, as impressões que essas primeiras irmãs causaram na vida das entrevistadas, principalmente pelos seus modos de vida simples, foram determinantes na escolha. Foram múltiplas vozes, mas com um discurso uníssono ao afirmar que seguiram a vida religiosa porque foram escolhidas por Deus ou porque tinham vocação para a vida religiosa.

Grossi (1990) destaca que o celibato feminino é uma opção construída pela própria igreja como instituição, na tentativa de (re)produzir saberes e práticas católicas. A igreja procura construir para si e seus integrantes uma identidade que orienta a atividade religiosa, subjetivamente compreendida como vocação pelos seus membros. As vocações religiosas são construídas

socialmente pelos representantes institucionais da igreja, aliados às condições das famílias e das comunidades.⁷

Nessa direção, Fernandes (2004), destaca que a vocação é construída pela própria igreja católica, que socializa a ideia em duas direções. Em primeiro lugar, a vocação não indica uma função especial na igreja, mas pode ser empregada para designar a vocação cristã entendida como algo inerente a todas as pessoas que receberam o batismo. Em segundo lugar, temos a associação da vocação à vida religiosa com a palavra “chamado”. Esse chamado “é uma convocatória a todos os que se dispõem a viver os preceitos evangélicos nas próprias vidas” (Fernandes, 2004, p. 68). Embora o chamado divino se estenda a todos os homens e mulheres, de acordo com os preceitos cristãos, apenas algumas pessoas acabam atendendo a tal chamado.

Vocação e chamado divino acompanham as memórias das irmãs entrevistadas no que concerne à vida religiosa que seguiram. Essas memórias amparam-se em quadros sociais de diferentes grupos, como, por exemplo, a família e a escola. Nesse sentido, é nos quadros sociais da família e da infância que as irmãs Violeta e Dorvalina estruturam suas narrativas. Da mesma forma, a irmã Paula, ao pedir ao pai para chamar as catequistas, a fim de prepará-la para dar aula, também relembra sua entrada na congregação como um momento vinculado à infância. Na perspectiva de Halbwachs (2003), a memória estrutura-se em quadros de referência, reencontrando ali as ligações entre os pensamentos e os sentimentos de um determinado momento vivido. Desse modo, a memória ampara-se em acontecimentos coletivos, ou fatos sociais, que são evocadores da memória. Os quadros de referência vividos na infância dessas irmãs, na interação com outros grupos sociais, foram os que evocaram as lembranças de como descobriram a vocação.

Embora essas lembranças pareçam ser exclusivamente individuais, elas são elementos de um contexto social que as antecede; quer dizer, são elementos da tradição religiosa da família que funcionam como quadros sociais em contínuo movimento e (re)constituição de suas memórias. Segundo Halbwachs (2003, p. 93), “as lembranças da infância só são conservadas pela memória coletiva porque no espírito da criança estavam presentes a família e a escola”.

7 Os sentidos e significados na vocação estão atrelados aos caminhos e situações com as quais os sujeitos se deparam no decorrer de suas vidas. Para aprofundar tal questão, ver Rosado Nunes (1985, 2005, 1997, 2016) e Grossi (1990).

No caso da irmã Hedwiges, a escolha de entrar na companhia e seguir a vida religiosa e professoral teve origem distinta, não tendo sido construída na infância, mas sim no período inicial de sua formação religiosa:

Eu falei com o frei Ladislau: ‘Olha, eu acho que não vou ficar, eu vim para estudar porque eu quero ser professora e ser catequista. Mas como leiga, igual àquela que nós temos lá no nosso lugar’. [...] Então, depois comecei a ver o jeito que elas falavam e o que elas faziam em Santa Maria, em Doutor Pedrinho, no Doze, no Cinquenta [...]. Eu entrei enganada! Mas depois, quando eu cheguei aqui, comecei a perceber que não, que um dia, não demorou muitos anos, quis ser irmã catequista. [...] Quando eu entrei, percebi que nós éramos catequistas e professoras, mas nada de irmã, nada disso eu sabia, mas eu quis ficar, catequista e professora. Só ser catequista, dar catequese e ser professora, porque eu tinha uma loucura para ser professora, sempre gostei de ser professora. Achava uma coisa linda, linda! Eu sempre me saí muito bem como professora. E como catequista, nem se fala! (Jadwiga Szepanska, 2014).

Ao narrar sua entrada na congregação e a “descoberta” da vocação, a irmã Hedwiges organiza sua narrativa de modo a selecionar o que considerou importante para justificar sua permanência na Cicaf. Seleciona elementos que deveriam ficar enquadrados nos registros da memória não somente dela, mas também do grupo em que estava inserida (Pollak, 1992).

Enfim, as irmãs foram se constituindo como tal dentro da própria companhia e contribuindo no processo de sua institucionalização. Todas foram se formando como religiosas por processos construídos socialmente e ligados a grupos de referência e de pertencimento; isto é, no interior das interações sociais vividas após a entrada na congregação. Nesse processo de construção da identidade religiosa, a memória da Cicaf passou a ter influência significativa sobre as irmãs, especialmente a memória da fundação, dos sujeitos envolvidos nesse processo e do modo de viver das primeiras integrantes. Foi na consolidação da memória coletiva que a congregação foi constituindo determinada identidade para suas integrantes, e, ao mesmo tempo, essas integrantes foram construindo, e ainda constroem, determinada imagem da Cicaf em um processo de contínua (re)institucionalização.

Do processo de institucionalização da Cicaf: a produção social de um grupo de profissionais da igreja católica e do magistério

No mesmo período em que a Cicaf ia se solidificando, as escolas paroquiais estavam, gradativamente, passando para a esfera pública. De acordo com Souza (2003), nas colônias estrangeiras, o professor, religioso ou membro responsável pela escola paroquial estimulava a cultura de origem, o que ia de encontro aos interesses do Estado nacionalista. Diante disso, era preciso erradicar essas escolas em que pouco se podia fazer para formar uma mentalidade nacional. O desaparecimento gradativo dessa rede de escolas também esteve relacionado à permissão do ensino religioso nas escolas públicas (Souza, 2003). Em Santa Catarina, na reaproximação do Estado republicano com a igreja católica, as escolas públicas começaram a permitir o ensino religioso, e, dessa forma, o número de escolas paroquiais decresceu. O ensino público tornava-se atrativo pela gratuidade e pela possibilidade da permanência dos princípios católicos.⁸

Mesmo que as escolas paroquiais tenham sido mantidas até o fim da década de 1930, a transição para a escola pública foi inevitável. No entanto, acordos possibilitaram a permanência das irmãs catequistas nas escolas públicas estaduais e/ou municipais. Otto (2012a, p. 412) explica que, na década de 1930, aos poucos, dom Joaquim Domingues de Oliveira foi doando o espaço físico das escolas paroquiais ao Estado e, como contrapartida, o governo catarinense passou a permitir o ensino religioso nas escolas da rede pública e fez “a negociação para a permanência das referidas professoras/catequistas nas escolas então transformadas em públicas”. Nesse sentido, conforme Otto (2006, p. 170), as integrantes da Cicaf contribuíram não somente para a “manutenção e formação de bons católicos, como também de bons patriotas, interesse da elite republicana” daquele período.

Conquanto caracterizada como uma associação com fins educacionais e religiosos, a companhia, inicialmente, não possuía regulamentos, nem mesmo normas de conduta. O primeiro registro oficial sobre a Companhia das Catequistas está no *Livro de crônicas da congregação*, de 1917:

8 Esse processo de fechamento das escolas paroquiais ocorreu de forma conflituosa. Ver, a respeito, Souza (2003) e Otto (2006). O ensino religioso foi regulamentado pelo Decreto nº 19.941, de 30 de abril de 1931, de autoria do ministro da Educação e Saúde Pública, Francisco Campos.

Estas são simples donzelas cristãs de irrepreensível conduta e dotadas de um expressivo amor à juventude que somente por amor de Deus e sem interesse material se dedicam à educação da mocidade nas escolas paroquiais, e bem assim, quando necessário for, às obras de caridade, quer à cabeceira dos doentes, quer no serviço da casa de Deus, cuidando da limpeza das capelas e dos paramentos, etc. Todas são membros da Ordem Terceira do grande Patriarca São Francisco de Assis, vivendo em caridade, pobreza e obediência, porém não fazem votos, estando assim na possibilidade de entregar-se inteiramente à sua nobre vocação (e missão). (apud Valandro, 1986, p. 18).⁹

O conteúdo desses registros também remete ao ato de investidura, tratado por Bourdieu (1996, p. 99):

A investidura exerce uma eficácia simbólica inteiramente real pelo fato de transformar efetivamente a pessoa consagrada: de início, logra tal efeito ao transformar a representação que os demais agentes possuem dessa pessoa e ao modificar sobretudo os comportamentos que adotam em relação a ela (a mais visível de todas essas mudanças é o fato de lhe conceder títulos de respeito e o respeito realmente associado a tal enunciação); em seguida, porque a investidura transforma ao mesmo tempo a representação que a pessoa investida faz de si mesma, bem como os comportamentos que ela acredita estar obrigada a adotar para se ajustar a tal representação.

Ademais, na tentativa de conferir sentido à palavra instituição, Bourdieu (1996, p. 102-103) baseia-se em Poincaré e junta os sentidos de *instituere* e *institutio*, fazendo referência à

[...] ideia de um ato inaugural de constituição, de fundação, e até mesmo de invenção, levando através da educação a disposições duradouras, hábitos e usos. A estratégia universalmente adotada para eximir-se duradouramente da tentação de sair da linha consiste em naturalizar a diferença e transformá-la numa segunda natureza através da inculcação e da incorporação sob a forma de *habitus*.

9 Desde a fundação da companhia, os padres franciscanos de Rodeio e, posteriormente, as irmãs catequistas tinham por hábito registrar o seu cotidiano.

Baseando-se nessas premissas, pela incorporação do *habitus*, a subjetividade dos indivíduos é socialmente estruturada. Nessa direção, a instituição é “um golpe de força simbólica”, no qual “instituir, dar uma definição social, uma identidade, é também impor limites”. Assim, a instituição consiste em demarcar uma diferença, “atribuindo propriedades de natureza social como se fossem propriedades de natureza natural” (Bourdieu, 1996, p. 98, 100).

Muito embora essas jovens não fossem consideradas freiras no sentido canônico, os ideais católicos eram evidentes quando se tratava dos costumes impostos a elas, como destaca Rosado Nunes (1997, p. 497): “Os costumes conventuais e as formas de comportamento das religiosas deveriam ser diferentes para marcar essa distinção com o mundo”. Isso era desejado pelo clero, marcar fronteiras entre a realidade social religiosa e a realidade social leiga. Valandro (1986, p. 78) diz que as irmãs catequistas tinham como ofício “o ensino da doutrina cristã às crianças, o ensino das primeiras letras, o cuidado com a capela, a direção da ‘função’ dominical, a animação da liturgia nas poucas missas celebradas pelo sacerdote na comunidade”.¹⁰

Mesmo estando por muitos anos sob a direção e orientação do clero franciscano, as irmãs catequistas empenhavam-se, com zelo próprio, na preparação de suas aulas e na assistência à comunidade, de forma tal que criaram certa autonomia e exerceram alguma forma de poder nas comunidades. Sobre essa autonomia e essa forma de poder atribuída às congregações femininas, Rosado Nunes (1997) destaca que, historicamente, sobretudo até o Concílio Vaticano II (1962-1965), apenas os homens ligados à vida religiosa elaboravam o saber teológico e orientavam a vida espiritual das mulheres. Todavia, nem sempre fiéis seguidoras das prescrições masculinas e

consciente ou inconscientemente, as religiosas preparavam outras mulheres para contestarem o lugar que lhes era tradicionalmente atribuído na sociedade, ainda que continuassem a veicular em seu discurso religioso uma visão tradicional do papel social feminino. (Rosado Nunes, 1997, p. 494).

10 Muito embora a igreja católica, na época, não permitisse (e ainda não permita) a ordenação feminina, as irmãs catequistas organizavam e presidiam as celebrações litúrgicas que eram realizadas no lugar das missas nas capelas mais afastadas das sedes dos municípios. Para aprofundar a discussão sobre as relações de gênero na igreja católica e sobre a não ordenação feminina, ver Fernandes (2005) e Rosado Nunes (2005).

Segundo Berger e Luckmann (1985), são os hábitos que criam tipificações. Essas tipificações produzidas pela congregação eram social e culturalmente construídas pelos frades e pelas próprias irmãs. Isso permite considerar as especificidades de sua constituição histórica, assim como as suas singularidades; e, principalmente, compreender as suas ações como fruto de uma constante interação que produz e reproduz tipificações internas da própria Cicaf.

Ao ingressar na instituição, as jovens foram sendo afetadas pelas regras já estabelecidas, reduzindo assim a possibilidade de mudança e de reflexão sobre tais regras. Mediante as tipificações, a instituição foi consolidando a identidade em suas integrantes, como também os mecanismos de controle aos quais elas estão submetidas.

Assim, a partir do momento em que o grupo de jovens professoras se institucionalizou e corporificou, ele foi consolidado como uma instituição religiosa e educacional. Aos poucos, o grupo ampliou seu número de integrantes e suas áreas de atuação. No ano de sua oficialização, a companhia já contava com nove professoras catequistas; na primeira década de existência, tinha aproximadamente quarenta professoras; e, no fim da década de 1960, eram 404 integrantes. Em 1926, foi elaborado o primeiro regulamento, sob a orientação e supervisão do frei Bruno Linden:

O fim da Companhia é a mais perfeita imitação da vida e do espírito do Santo Patriarca em comunidades de duas ou mais Catequistas, fundando e provendo escolas rurais; em casa, alimentam a pobreza e a caridade franciscanas; na igreja cuidam do decoro do lugar santo e do sacro ministério; na colônia, trabalham com fidelidade e devoção seráfica; na escola, ensinam por exemplo humildade e saber suficiente. (apud Valandro, 1986, p. 33).¹¹

Assim, pelo fragmento anterior, se observa que a companhia estava inserida em um processo de construção humana voltada aos interesses sociais dos que dela faziam parte. Nesse sentido, assim como todas as instituições vão sofrendo adaptações culturais e sociais conforme a sua ação ao longo do tempo, a companhia também se adaptou às novas realidades. Como instituição histórica, foi submetida ao controle por meio de regulamentos que direcionavam

11 O frei Bruno Linden chegou a Rodeio em 4 de março de 1926 para substituir o frei Polycarpo. Assim como os freis anteriores, assumiu a direção da Companhia das Catequistas. Permaneceu no município e na orientação da companhia até 1945.

as normas de conduta das suas integrantes. Berger e Luckmann (1985, p. 80) esclarecem que “dizer que um segmento da atividade humana foi institucionalizado já é dizer que este segmento da atividade humana foi submetido ao controle social”. Considerando que as tipificações recíprocas das ações são construídas e compartilhadas, as normas de conduta estabelecidas pelo fundador e, posteriormente, pelos estatutos e determinações oficiais definiram papéis que teoricamente não seriam possíveis em outras situações, mas eram específicos de suas integrantes e naturalmente compartilhados por todas.

Nessa linha de argumentação, as professoras catequistas foram estabelecendo uma identidade no interior do grupo. Nos primeiros anos da companhia, as catequistas não faziam votos, e nem mesmo as promessas religiosas. Todavia, havia, sim, um modo de vida singular a ser seguido pelas integrantes, sobretudo no modo de viver no meio do povo. De acordo com Valandro (1990, p. 118-120), o modo de vida das irmãs consistia em morar em duplas nas comunidades em que trabalhavam, ter uma vida simples no convívio com o povo.

A irmã Cecília recorda que “as primeiras irmãs passaram fome, repararam um ovo para três ou quatro” (Cecília Bach, 2014). Rememorar como as primeiras irmãs viveram fez parte do processo de constituição individual e coletiva. A memória da irmã Cecília se apóia na memória coletiva, justificando, assim, a formação de uma identidade objetivada nas regras e normas de conduta das primeiras integrantes. Halbwachs (2003) salienta que a memória individual, para confirmar suas lembranças, pode se apoiar na coletiva e também confundir-se com ela em alguns momentos; ou seja, as percepções externas podem ser incorporadas à memória individual.

A relação entre a escolha de ser professora catequista, o respeito aos fundadores e a identificação com os valores e opção de vida das primeiras irmãs são evidentes nas narrativas da irmã Violeta:

Desde criança ouvi falar de frei Polycarpo e frei Lucínio, pelos quais meus pais e o povo de Rio do Oeste guardavam veneração. Mamãe dizia: ‘Foi frei Polycarpo que me preparou para a primeira comunhão’. Foi ela que me deu notícias da morte de frei Polycarpo. [...] Papai, com a idade de 17 anos, esteve presente na igreja do Cinquenta, São Virgílio, no dia em que frei Polycarpo apresentou as três primeiras catequistas. Disse-me que o povo saiu perguntando-se o que sairia dessas jovens. Era para eles [colonos] como se fosse uma ninhada de ovos em choco, e se perguntavam: ‘Que sairá desses ovos?’. (Violeta, 2015).

A fala da irmã Violeta demonstrou a confiança que a comunidade tinha nos freis, mas, ao mesmo tempo, a incerteza em relação ao futuro da companhia. O acontecimento relatado por ela data de 14 de janeiro de 1915: nesse dia, as três jovens foram apresentadas durante a missa na capela de São Virgílio, em Rodeio. Segundo consta nos registros da companhia, o frei Polycarpo chamou-as na sacristia e perguntou: “Vocês prometem ficar, pelo menos, um ano?”. Diante da pergunta do frei, Maria Avosani respondeu prontamente pelas três: “Um ano não, padre. Nós queremos ficar para sempre!” (Valandro, 1990, p. 75). Mesmo falando a respeito das incertezas que pairavam sobre as três jovens, a irmã Violeta procura organizar sua memória sobre um acontecimento considerado fundacional, quando as primeiras catequistas assumiram o compromisso de ficar para sempre no serviço da igreja e da escola. Nas memórias da irmã Violeta, é possível analisar o seu conhecimento a propósito dos fundadores e de determinados acontecimentos. Quando as irmãs Amábile, Maria e Liduína disseram “sim” para o frei Polycarpo, foi o momento de consagração e comprometimento das professoras catequistas. Naquele instante, as professoras assumiram as tipificações da companhia e, simbolicamente, fizeram um dos primeiros encaminhamentos rumo à institucionalização.

A irmã Paula reporta-se aos freis fundadores com orgulho e admiração: “O padre Modestino, que foi o cofundador com o padre Polycarpo, tinha uma visão muito ampla” (Paula Oenning, 2014). Sua memória leva-a ao fundador como um mecanismo para justificar e legitimar a continuidade da companhia. É na busca pelo passado que a irmã afirma a identidade da instituição, visto que “uma das forças pelas quais as identidades estabelecem reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos” (Woodward, 2014, p. 11). O que parece uma lembrança sobre o passado vivido é a afirmação de um fato histórico que justifica a posição e a permanência do sujeito no grupo social em que está inserido. É uma tentativa de defender o seu ponto de vista e seu lugar na história. Assim, essa reconstrução do passado é parte do processo de (re)construção da identidade individual e coletiva.

A irmã Violeta lembra que “os pais, para soltar as filhas, tinham muita reserva, tinham medo, porque eles viam as nossas irmãs vivendo somente duas a duas nas casas, sem muita segurança, enquanto outras irmãs, de outras congregações, viviam em grandes colégios, fechados” (Violeta, 2015). Nas memórias da irmã Violeta, além de uma reiteração do modo de viver no meio do povo, identifica-se outra característica presente na companhia: as irmãs catequistas moravam em duplas, raramente contando com uma terceira irmã na mesma moradia.

De acordo com Gascho (1998), esse aspecto levou à diferenciação entre as professoras catequistas e outras congregações religiosas da época. Isso porque não havia a possibilidade de elas atenderem aos critérios exigidos pelas leis canônicas para que recebessem o nome de religiosas: possibilidade de confissão semanal, participação diária na missa e eucaristia, morar no mínimo em três pessoas. Em razão disso, o frei Polycarpo sabia que elas não poderiam ser oficialmente reconhecidas como religiosas, mas sim como professoras primárias que seguiriam normas, condutas e estilo de vida especificamente cristãos. Para Gascho (1998, p. 103), as “catequistas sabiam que era para ser as irmãs do povo que deixavam a missa e eucaristia”. Tal aspecto “caracterizou, entre outros, a originalidade da companhia e lhe deu um estilo próprio de viver” (Gascho, 1998, p. 95).

Essa originalidade percebida por Gascho (1998) foi notada, da mesma forma, por outros grupos sociais que manifestaram interesse na companhia. A irmã Violeta relembra características religiosas de distintas congregações que apontam nessa mesma direção:

Quando o bispo do Mato Grosso pediu para aquele interiorzão, era mato mesmo, ele escreveu numa carta, ele disse que não tinha nada [...], ele precisava de irmãs, mas que não encontrava irmãs que ficassem sem a presença da missa diária; então, quando ele esteve numa reunião em São Paulo, ele, falando disso, alguém disse para ele: ‘Olha, eu conheço irmãs que não precisam de missa diária’; e ele logo disse: ‘Ah! Então, me diga onde estão, porque eu vou encontrar essas irmãs’. Ele ficou entusiasmado e começou a mandar cartas para a sede provincial. (Violeta, 2015).

A companhia foi reconhecida não somente em Rodeio, mas também em outros territórios pelo seu estilo de vida, ou seja, sua ação apostólica tanto no campo religioso quanto no educacional.¹² Esse modo de vida rememorado pela irmã Violeta aparece como um mecanismo de justificação da identidade construída pelas primeiras irmãs, que foi sendo rememorada e (re)construída nos diferentes contextos. Nesse sentido,

[...] ninguém pode construir uma auto imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da

12 Sobre a expansão da Cicaf para outras cidades, estados e países, ver Valandro (1986, 1990) e Gascho (1998).

identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de um pessoa ou de um grupo. (Pollak, 1992, p. 5).

Nessa perspectiva, conforme a instituição foi se corporificando, tanto em sua estrutura organizacional quanto por meio de regulamentos e normas, ela foi se (re)definindo. As ações das irmãs catequistas foram determinadas por padrões específicos de conduta estabelecidos pelo grupo e, ao mesmo tempo, estabeleceram definições e ações no grupo. Essa relação sempre ocorreu em um movimento constante, pois eram ordens sociais que foram edificando tipificações que, gradativamente, adquiriram uma identidade socialmente construída por meio de hábitos comuns.

Considerações finais

Constatamos que as tipificações iniciadas pelas primeiras integrantes foram reproduzidas e conservadas na memória coletiva da instituição. A Cicaf caracterizou-se institucionalmente não apenas em razão das ações habituais ao longo da sua trajetória, mas também pela ação das irmãs que a criaram. Dessa maneira, as irmãs catequistas foram (re)produzindo um conjunto de normas que regulava e padronizava certos hábitos no grupo, garantindo a sua reprodução pelas futuras integrantes. Ainda que algumas irmãs apresentem um relato individual sobre um determinado fato do seu passado, é nas tipificações do grupo que suas memórias se amparam; isto é, a memória individual, construída pelas referências e lembranças próprias da Cicaf, refere-se a “um ponto de vista sobre a memória coletiva” (Halbwachs, 2003, p. 69).

É possível notar mecanismos de manutenção da identidade do grupo, fator principal para a institucionalização. Ser professora catequista justificase na medida em que as experiências vividas no cotidiano escolar e na congregação adquirem significados por elas apropriados.

Especificamente, suas memórias são organizadas e construídas em suas experiências profissionais do passado, amparadas em fios condutores comuns, desde a infância até o ingresso na Cicaf. Provocá-las a entrar em um processo

de rememoração possibilita compreender aspectos do modo como representavam e ainda continuam representando suas experiências do passado no presente. Conforme as irmãs catequistas, esse tempo parece não ter passado, está vivo nas lembranças, expresso em uma memória coletiva que, tal como diz Benjamin (1994, p. 204),

[...] não se entrega. Ela conserva suas forças e, depois de muito tempo ainda, é capaz de se desenvolver [...]. Assemelha-se a essas sementes de trigo que, durante milhares de anos, ficaram fechadas hermeticamente nas câmaras das pirâmides e que conservam até hoje suas forças germinativas.

Nessa analogia benjaminiana, sentimos que as memórias das irmãs catequistas, tal como as sementes de trigo, durante muito tempo ficaram como que em depósitos. Contudo, não perderam a força germinativa, pois parecemos que reviviam, com emoção sempre renovada, cada palavra, cada explicação, cada gesto, cada trabalho outrora realizado. A sensação foi a de se reportarem ao passado que rememoravam. Em muitos momentos, vivenciamos aquilo que havíamos lido em livros, sobre como o trabalho com a memória se faz no presente. Para as entrevistadas, o passado está no tempo presente, este tempo vivo da memória.

Referências

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-222.

BERGER, Peter Ludwing; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 1996.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. A não-ordenação feminina: delimitando as assimetrias de gênero na igreja católica a partir de rapazes e moças vocacionados/as. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n.2, p. 425- 436, maio/ago., 2005.

_____. “*Ser padre pra ser santo*”; “*Ser freira pra servir*”: a construção social da vocação religiosa – uma análise comparativa entre rapazes e moças no Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – UERJ, Rio de Janeiro, RJ, 2004.

GASCHO, Maria de Lourdes. *Catequistas franciscanas: uma antecipação do “aggiornamento” em Santa Catarina (1915-1965)*. Dissertação (Mestrado em História) – UFSC, Florianópolis, SC, 1998.

GROSSI, Miriam Pillar. Jeito de freira: estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 73, p. 48-58, maio 1990.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

OTTO, Clarícia. *Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930)*. Florianópolis: Insular, 2006.

_____. Do professor paroquial às professoras catequistas: notas para a história da educação em Santa Catarina. *História Unisinos*, Rio Grande do Sul, v. 16, n. 3, p. 403-412, set./dez. 2012a.

_____. Professoras a serviço da igreja e do Estado: tensões e conciliações em tempos de nacionalização do ensino. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, v. 5, n. 14, p. 167-183, set. 2012b.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

ROSADO NUNES, Maria José F. Cotidiano, cultura e vida religiosa: possibilidades etnográficas. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 23., 2016, Assis. *Anais...* São Paulo: ANPUH-SP, 2016. p. 1-34. Disponível em: <http://www.encontro2016.sp.anpuh.org/resources/anais/48/1473265920_ARQUIVO_JOYCEPIRES-Trabalhocompleto.pdf>. Acesso em: 29 maio 2018.

_____. Freiras no Brasil. In: PRIORE, Mary del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Assis, 1997. p. 482-509.

_____. Gênero e religião. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 363-365, maio/ago. 2005.

_____. *Vida religiosa nos meios populares*. Petrópolis: Vozes, 1985.

SOUZA, Rogério Luiz. As escolas paroquiais. In: DALLABRIDA, Norberto (Org.). *Mosaico de escolas: modos de educação em Santa Catarina na Primeira República*. Florianópolis: Cidade Futura, 2003. p. 155-173.

VALANDRO, Ede Maria. *Em resposta ao clamor do povo: a Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas*. Joinville: [s.n.], 1990.

_____. *Um chamado se faz caminho*: evolução histórica do carisma. Joinville: [s.n.], 1986.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica conceitual. In: SILVA; Tomaz Tadeu da Silva (Org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.

Fontes orais

BACH, Cecília [77 anos]. [set. 2014]. Entrevistadora: Geane Kantovitz. Rodeio, SC, 22 set. 2014.

HASKEL, Verônica [88 anos]. [set. 2014]. Entrevistadora: Geane Kantovitz. Laurentino, SC, 23 set. 2014.

OENNING, Paula [86 anos]. [set. 2014]. Entrevistadora: Geane Kantovitz. Laurentino, SC, 23 set. 2014, 24 set. 2014.

PEGORETTI, Amélia [88 anos]. [set. 2014]. Entrevistadora: Geane Kantovitz. Laurentino, SC, 23 set. 2014.

ROVER, Geraldina [89 anos]. [set. 2014]. Entrevistadora: Geane Kantovitz. Rio dos Cedros, SC, 12 set. 2014.

SZEPANSKA, Jadwiga (Hedwiges) [94 anos]. [set. 2014]. Entrevistadora: Geane Kantovitz. Rodeio, SC, 22 set. 2014.

TOMELIN, Dália [89 anos]. [set. 2014]. Entrevistadora: Geane Kantovitz. Rio do Sul, SC, 24 set. 2014.

TRIDAPALLI, Dorvalina [88 anos]. [set. 2014]. Entrevistadora: Geane Kantovitz. Rio do Sul, SC, 24 set. 2014.

VENTURI, Maria [90 anos]. [set. 2014]. Entrevistadora: Geane Kantovitz. Rio do Sul, SC, 24 set. 2014.

VIOLETA [87 anos]. [jan. 2015]. Entrevistadora: Geane Kantovitz. Rodeio, SC, 15 jan. 2015.

Resumo: Neste artigo, tomamos por objeto de estudo a memória coletiva sobre a fundação de uma congregação religiosa católica feminina, em sua gênese denominada Companhia das Catequistas, instituída em Rodeio (SC) na segunda década do século XX. Partimos da concepção de Maurice Halbwachs de que toda memória individual é uma perspectiva da memória coletiva, isto é, está ligada a um grupo de pertencimento. As fontes aqui mobilizadas, assim, são as memórias de dez religiosas entrevistadas em 2014, quando tinham entre 77 e 94 anos de idade. Com base em Peter Berger e Thomas Luckmann, para quem a consolidação de papéis sociais ocorre por meio de tipificações de condutas socialmente objetivadas, pretendemos identificar pela memória coletiva a institucionalização e legitimação dessa associação de religiosas para serem professoras e catequistas.

Palavras-chave: Memórias. Institucionalização. Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas.

Collective memory on the genesis and institutionalization of the Franciscan Catechist Sisters Congregation

Abstract: This article focuses on collective memory about the foundation of a catholic female religious congregation initially called The Company of Catechists, established in Rodeio, SC, Brazil, in the second decade of the 20th century. We build up from Halbwachs's view that all individual memory is a viewpoint of collective memory, that is, it is linked to a group of belonging. The sources used here include the memories of ten religious women interviewed in 2014, when they were 77-94 years old. Based on Berger and Luckmann, for whom social roles are reified through typification of socially objectified behavior, we aim to identify institutionalization and legitimization of that association of religious women so they would be teachers and catechists.

Keywords: Memories. Institutionalization. Franciscan Catechist Sisters Congregation.

Recebido em 05/01/2018

Aprovado em 27/05/2018